

A IMPORTÂNCIA DA CONTABILIDADE GERENCIAL NO CONTROLE FINANCEIRO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Karla Medani Demuner¹
Raquel Santos Pereira da Silva²
André Murilo De Souza Cavalcante³

RESUMO

Com o advento da internet a contabilidade passou a ocupar um lugar de destaque no contexto gerencial das empresas e este artigo visa apresentar os conceitos gerais da contabilidade por meio de pesquisa bibliográfica, abordando suas definições e principais características aplicadas às micro e pequenas empresas. Apresenta também a contabilidade como suporte maior para a administração das micro e pequenas empresas, sobretudo a Contabilidade Gerencial, que pode ser aplicada pelo empresário para balizar suas decisões com maior índice de segurança. Dentro do contexto da Contabilidade Gerencial são abordadas as principais demonstrações contábeis, sobretudo o Balanço Patrimonial, a Demonstração do Resultado do Exercício e o Fluxo de Caixa. Aliada a base teórica realizou-se uma pesquisa de campo com os empresários das micro e pequenas empresas do município de Aracruz (Estado do Espírito Santo - Brasil). Os resultados obtidos alimentaram a análise de cenário que embasa as conclusões apresentadas.

Palavras-Chave: Contabilidade Gerencial. Microempresas. Empresa de Pequeno Porte. Controle Financeiro. Aracruz.

ABSTRACT

With the advent of Internet the accounting has come to occupy a prominent place in the companies' management context. This article aims to present the general concepts of accounting through literature review, addressing definitions and main features applied to micro and small companies. It also shows the accounting as a major support for the micro and small businesses administration, specially the Management Accounting, which can be applied by the entrepreneur to guide its decisions with greater security. Within the context of the Management Accounting the key financial statements are addressed, particularly the Balance Sheet, the Income Statement and the Cash Flow. Combined with theoretical basis a field research was done by interviewing the entrepreneurs of micro and small companies in Aracruz (Espírito

¹ Pós-graduanda pela Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

² Pós-graduanda pela Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

³ Orientador. Docente da MULTIVIX Cariacica.

Santo State – Brazil). The results fed the scenario analysis that supported the conclusions presented.

Keywords: Management Accounting. Microenterprise. Small Businesses. Financial Contro. Aracruz.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas as microempresas e as pequenas empresas apresentam grande relevância para a economia nacional, haja vista sua significativa contribuição para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB). As estatísticas revelam que existe um alto índice de fechamentos logo nos dois primeiros anos de vida dessas empresas, algo em torno de 27%, principalmente por motivos como a falta de planejamento e controle. Assim o número de empresas que vêm investindo em meios que ofereçam informações estratégicas a fim de possibilitar aos administradores uma tomada de decisão mais segura e de forma proativa, ou seja, se antecipando a possíveis problemas tem aumentado significativamente.

Muitos dos controles contábeis gerenciais são relativamente simples de serem implementados, auxiliando, principalmente o comércio varejista, não importando a dimensão do mesmo. Seguindo esta linha, o problema de pesquisa do presente artigo é: Qual a contribuição da contabilidade gerencial no controle financeiro de micro e pequenas empresas?

2 CONTABILIDADE GERENCIAL

O surgimento da Contabilidade, segundo Sá (2002), vem desde tempos remotos, por meio do homem primitivo que fazia inscrições nas paredes das grutas com a pintura rupestre, visando o registro e controle das ações desempenhadas pelo homem daquela época. Fato mesmo é que até a Revolução Industrial as práticas contábeis eram notoriamente arcaicas.

A contabilidade visa o fornecimento de dados e informações que sirvam de auxílio para a tomada de decisão, sendo este o seu maior e mais amplo objetivo. Conforme o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), a Resolução CFC n.º 785, de 28 de 1995 (revogada pela Resolução CFC 1.211 de 2008), em seu inciso 1.1.1 que destaca:

A contabilidade, na sua condição de ciência social, cujo objeto é o Patrimônio, busca, por meio da apreensão, da quantificação, do registro, da eventual sumarização, da demonstração, da análise e relato das mutações sofridas pelo patrimônio da Entidade particularizada, a geração de informações quantitativas e qualitativas sobre ela, expressas tanto em termos físicos quanto monetários.

Em um aspecto mais restritivo a contabilidade gerencial volta-se única e exclusivamente à administração da empresa, objetivando levantar informações úteis ao administrador para a tomada de decisão. Num sentido mais amplo, a contabilidade gerencial atua na administração da produção, financeira, organizacional, enfim, em tudo que houver necessidade de tomada de decisão. Segundo Ludícibus (1998, p. 21):

A Contabilidade Gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório.

A contabilidade gerencial, assim como outras áreas ligadas às ciências econômicas evoluiu mudando seu foco e objetivo, bem como seu posicionamento no processo de planejamento e tomada de decisões.

Siegelet al (1999) destacam que, foi efetuada uma pesquisa em 1980, onde a contabilidade gerencial se posicionava apenas como um órgão de apoio. Em outra pesquisa após um período de 20 anos, este quadro se alterou, mostrando que a contabilidade gerencial tinha passado de uma ramificação de suporte, para um parceiro na tomada de decisões. Os objetivos da Contabilidade Gerencial podem ser observados no Quadro 1, abaixo.

OBJETIVOS DA CONTABILIDADE GERENCIAL

AUTOR	ANO	DEFINIÇÃO
Crepaldi	2011 p. 06	A contabilidade gerencial é o ramo da contabilidade que tem por objetivo fornecer instrumentos aos administradores de empresas que os auxiliem em suas funções gerenciais. É voltada para a melhor utilização dos recursos econômicos da empresa, através de um adequado controle de insumos efetuados por um sistema de informação gerencial.
Santos et al	2006 p. 09	O processo de identificação, mensuração, acumulação, análise, preparação, interpretação e comunicação de informações tempestivas (passadas, presentes e/ou futuras) relevantes e úteis, para auxiliar os gestores das organizações no processo decisório das operações diárias e do planejamento de operações futuras.
Barros	2005 p. 109	A contabilidade gerencial deve ser identificada pelos seguintes objetivos: gerar informações específicas, precisas e atualizadas; buscar formas mais aprimoradas de avaliação patrimonial sob o aspecto econômico sem se restringir ao âmbito financeiro e aliar-se a outras áreas do conhecimento para complementar a informação contábil.

Quadro 1 – Objetivos da Contabilidade Gerencial.

Fonte: acervo dos autores.

As principais terminologias e métricas utilizadas na contabilidade gerencial podem ser observadas na tabela a seguir:

TERMOS	CONCEITO/ DEFINIÇÃO		
	Autor	Ano	Conceito
Alavancagem $GAF = \frac{\Delta\% LPA}{\Delta\% LAJTR}$	Gitman	2010 p. 468	A alavancagem resulta do uso de ativos ou fundos a custo fixo para multiplicar os retornos aos proprietários da empresa. De modo geral, aumentá-la resulta em maior retorno e risco, ao passo que reduzi-la, diminui ambos.
Margem de Contribuição $MC = PV - CV - DV$	Padoveze	2004 p. 368	Margem de contribuição representa o lucro variável, e é a diferença entre o preço de venda unitário do produto e os custos e despesas variáveis por unidade de produto.
	Martins	2003 p. 179	A margem de contribuição por unidade é a diferença entre o preço de venda e o custo variável de cada produto; é o valor que cada unidade efetivamente traz a empresa de sobra entre a sua receita e o custo que de fato provocou e que lhe pode ser imputado sem erro.
Ponto de Equilíbrio $P.Q = CFT + (CV \cdot Q)$	Crepaldi	2011 p. 129	A expressão ponto de equilíbrio, tradução de break-even-point, refere-se ao nível de venda em que não há lucro nem prejuízo, ou seja, onde os custos totais são iguais às receitas totais. Como pode-se observar o estudo do ponto de equilíbrio é primordial ao micro e pequeno empresário, pois através dele o mesmo define a produção mínima necessária para cobrir custos e despesas fixas e variáveis e passar a ter lucro.

<p>Custos Fixos e Variáveis</p> $CF = Q.(PV - CV)$ $CV = CU.Q$	Filho e Kopittke	2010 p. 232	<p>Por definição, os custos fixos são aqueles que independem da quantidade produzida. Enquadram-se nesta categoria, os custos de investimentos em equipamentos, os custos de área e instalações e alguns custos indiretos. Os custos variáveis são diretamente proporcionais à quantidade produzida. Frequentemente são considerados como variáveis os custos de mão de obra, matéria prima, transporte e energia.</p>
<p>Custo Marginal</p> $Cm = \frac{dCT}{dQ}$	Gitman	2010 p. 447	<p>O custo marginal é simplesmente o custo médio ponderado de capital da empresa associado ao seu próximo dólar de novo financiamento total. Esse custo marginal é relevante para as decisões correntes.</p>
<p>Lucro</p> $L = R - C$	Resolução CFC nº 1121	2008	<p>O lucro é o valor remanescente depois que as despesas (inclusive os ajustes de manutenção do capital, quando for apropriado) tiverem sido deduzidas do resultado. Se as despesas excederem a receita, o saldo será um prejuízo.</p>
<p>Preço de Venda</p> $PV = \frac{CU}{100\% - (\%DV + \%DF + \%ML)}$	Crepaldi	2010 p. 361	<p>Dentro do ciclo operacional da empresa, o preço de venda constitui o valor do objetivo ou serviço que deve propiciar a integral reposição dos insumos. O correto estabelecimento do preço de venda é, pois, essencial para a manutenção da substância patrimonial e esta, por sua vez, fundamental para a própria sobrevivência da empresa. A formação de preços é assunto amplamente estudado pela teoria econômica, sendo importante o amplo conhecimento do tipo de mercado em que a empresa atua.</p>

Quadro 2 – Terminologias e Métricas.

Fonte: acervo dos autores.

3 FERRAMENTAS DE CONTROLE FINANCEIRO

No universo contábil existe uma série de mecanismos com os mais variados níveis de sofisticação e complexidade. No contexto de micro e pequenas empresas usa-se prioritariamente as demonstrações contábeis como ferramentas de auxílio, sendo os mais comuns o Balanço Patrimonial, o Fluxo de Caixa e a DRE (Demonstração do Resultado do Exercício), fornecendo, mesmo que de forma simplificada) uma gama de resultados que servirão de auxílio no momento da tomada de decisão.

O CFC 1285 (2010) em consonância com o CPC 26 define os objetivos das demonstrações contábeis da seguinte forma:

Oferecer informações sobre a posição patrimonial e financeira, o desempenho e os fluxos da entidade, que seja útil para a tomada de decisão por vasta gama de usuários que não está em posição de exigir relatórios feitos sob medida para atender suas necessidades particulares de informação.

3.1 BALANÇO PATRIMONIAL

Segundo Schnorr et al. (2008), o Balanço Patrimonial é a demonstração contábil destinada a evidenciar, qualitativa e quantitativamente, numa determinada data, a posição patrimonial e financeira da entidade e deve ser elaborado em conformidade com a NBC T 3.2 (Normas Brasileiras de Contabilidade), que trata exclusivamente do balanço patrimonial.

O Quadro 3 demonstra um modelo geral de Balanço Patrimonial que pode ser aplicado em micro e pequenas empresas:

Ativo		Passivo	
Ativo Circulante	2.770.181,81	Passivo Circulante	6.820.829,55
Caixa	12.000,00	Impostos a Pagar	2.124.579,55
Bancos	520.000,00	Fornecedores	2.686.250,00
Clientes	970.000,00	Financiamentos	2.010.000,00
Estoque de Prod. Acabados	308.181,81		
Estoque de Matéria-Prima	960.000,00		
		Passivo Não Circulante	4.696.250,00
		Títulos a Pagar	2.010.000,00
Ativo Não Circulante	19.304.200,00	Financiamentos Longo Prazo	2.686.250,00
Realizável	15.800.000,00	Total do Passivo Exigível	11.517.079,55
Empréstimo para sócios	3.800.000,00		
Títulos a receber em Longo Prazo	12.000.000,00		
Investimentos	2.600.000,00	Patrimônio Líquido	
Imóveis	1.100.000,00	Capital Social	5.599.949,99
Empresas Controladas	1.500.000,00	Reserva Lega	354.096,59
Imobilizado	204.200,00	Reserva Estatutária	708.193,18
Equipamentos de Produção	128.000,00	Reserva de Contingência	424.915,91
Depreciação Acumulada Eq. Prod	(1.800,00)	Reserva de Capital	3.470.146,59
Veículos	86.000,00	Total do PL	10.557.302,26
Depreciação de Veículos	(8.000,00)		
Intangíveis	700.000,00		
Marcas e Patentes	700.000,00		
Ativo Total (Circulante + Não Circulante)	22.074.381,81	Passivo (Exigível + PL)	22.074.381,81

Quadro 3 – Exemplo: Balanço Patrimonial.

Fonte: Santos e Veiga (2011, p. 50).

Nas micro e pequenas empresas por vezes torna-se necessário adaptar as contas seguindo as necessidades das mesmas, uma vez que determinadas contas presentes no modelo tradicional de balanço patrimonial podem não se aplicar.

3.2 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO

De acordo com Schnnor et al. (2008):

A Demonstração do Resultado é a demonstração contábil destinada a evidenciar a composição do resultado formado num determinado período de operações da entidade. Observado o princípio da competência, evidenciará a formação dos vários níveis de resultados mediante confronto entre as receitas e os correspondentes custos e despesas, devendo ser elaborada em conformidade com a NBC T 3.3.

Complementando a ideia de Schnnor et al., Assaf Neto (2010) contribui afirmando que a demonstração do resultado do exercício visa fornecer os resultados, sejam eles lucros ou prejuízos obtidos pela entidade em certo exercício social, transferindo-os para o patrimônio líquido. O Quadro 4 apresenta um exemplo de uma Demonstração do Resultado do Exercício, com as contas que são atribuídas as micro e pequenas empresas.

Demonstração do Resultado do Exercício	
RECEITA BRUTA DE VENDAS	1.650.000,00
(-) DEVOLUÇÃO DE VENDAS	(32.600,00)
= VENDAS LÍQUIDAS	1.617.400,00
(-) TRIBUTOS SOBRE VENDAS	(650.000,00)
= RECEITA LÍQUIDA DAS VENDAS	967.400,00
(-) CMV (CUSTO DE MERCADORIA VENDIDA)	(480.000,00)
= LUCRO BRUTO	487.400,00
(-) DESPESAS OPERACIONAIS	(202.500,00)
ADMINISTRATIVAS	(153.000,00)
COMERCIAIS	(45.000,00)
FINANCEIRAS	(4.500,00)
= RESULTADO OPERACIONAL	284.900,00
(-) PROVISÃO DE IMPOSTO SOBRE A RENDA	(97.000,00)
= LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	187.900,00

Quadro 4 – Exemplo: Demonstração do Resultado do Exercício
Fonte: Santos e Veiga (2011, p. 70).

Segundo Santos e Veiga (2011): “a elaboração e análise mensal desta demonstração contábil pode se constituir em excelente ferramenta de suporte à gestão, contribuindo, eficazmente, em seus objetivos para a tomada de decisão”.

3.3 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

De acordo com Santos e Veiga (2011, p. 89):

As micro, pequenas e médias empresas não necessitam elaborar e apresentar essa demonstração contábil, pois a Lei das Sociedades por Ações, Lei nº 11638/07, menciona que a companhia fechada com Patrimônio Líquido inferior a R\$ 2.000.000,00 na data do balanço, não está obrigada a elaboração e publicação.

Apesar da não obrigatoriedade, é uma ferramenta relevante para a tomada de decisões e para melhor acompanhamento e gestão da empresa. A finalidade da previsão de fluxo de caixa é propiciar ao gestor financeiro subsídios para a elaboração de um planejamento financeiro adequado.

As informações constantes na demonstração de fluxo de caixa são importantes para investidores, credores e demais usuários realizarem diversas avaliações, dentre estas Ludícibus et al. (2010, p. 565-566) destacam:

a capacidade de a empresa gerar futuros fluxos líquidos positivos de caixa; 2. a capacidade de a empresa honrar seus compromissos, pagar dividendos e retornar empréstimos obtidos; 3. a liquidez, a solvência e a flexibilidade financeira da empresa; 4. a taxa de conversão de lucro em caixa; 5. a performance operacional de diferentes empresas, por eliminar os efeitos de distintos tratamentos contábeis para as mesmas transações e eventos; 6. o grau de precisão das estimativas passadas, de fluxos futuros de caixa; 7. os efeitos, sobre a posição financeira da empresa, das transações de investimentos e de financiamento etc.”

Um modelo simplificado de fluxo de caixa pode ser observado no quadro 5. Vale lembrar que este pode ser aplicado com sucesso em grande parte de micro e pequenas empresas.

ATIVIDADES OPERACIONAIS	
Recebimento de Vendas	24.000,00

(-) Pagamento de Compras	(15.000,00)
= Caixa obtido com as Operações	9.000,00
(-) Despesas Operacionais, Administrativas e Comerciais pagas	(6.500,00)
= Caixa gerado pela atividade/negócio	2.500,00
(-) Despesas Operacionais Financeiras pagas	(1.500,00)
= Caixa gerado após as operações financeiras	1.000,00
ATIVIDADES DE INVESTIMENTO	
(-) Aquisições de Imobilizados	(17.000,00)
(-) Aquisição de Investimentos	(9.000,00)
= Saldo após as Operações de Investimentos	(25.000,00)
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO	
+ Empréstimos e Financiamentos obtidos	4.000,00
+ Integralização de Capital Social	26.000,00
(-) Pagamento de Dividendos	(3.000,00)
= Resultado Final de Caixa (Disponibilidades)	2.000,00
+ Saldo de Caixa (Disponibilidades) em 31/12/X1	5.000,00
= Saldo de Caixa (Disponibilidades) em 31/12/X2	7.000,00

Quadro 5 – Demonstração dos fluxos de caixa.

Fonte: Santos e Veiga (2011, p. 96)

Segundo Santos e Veiga (2011) “A demonstração de fluxo de caixa resume, em um só relatório, todas as variações ocorridas no disponível das entidades, e se torna indispensável para os gestores”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante os meses de abril e maio de 2015 foram entregues 100 questionários a micro e pequenos empresários do município de Aracruz, visando caracterizar as empresas dos mesmos. Do total de questionários entregues obteve-se resposta de 58 questionários.

A primeira pergunta realizada questiona quanto ao ramo de atividade em que a empresa atua, o gráfico 1 representa a distribuição das mesmas.

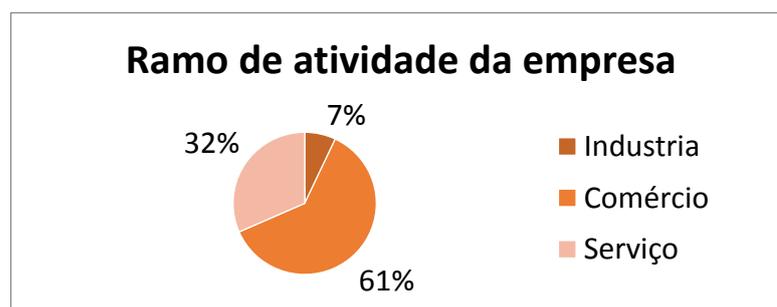


Gráfico 1 – Ramo de atividade da empresa.
Fonte: os autores.

Como pode se observar, dos 58 entrevistados a maior parte está representada pelo ramo comercial, correspondente a 61% das empresas, seguido pelo ramo de serviços, representado por 32% das empresas e por fim o ramo industrial com 7% das empresas. Esta predominância do ramo comercial se baseia na formação histórica do município, que até poucos anos atrás tinha sua força empresarial voltada para o setor comercial.

A segunda questão foi relacionada ao tempo de atuação da empresa, tal condição pode ser observada no gráfico 2.



Gráfico 2 – Tempo de atuação da empresa.
Fonte: os autores.

Avaliando-se o gráfico 2 nota-se que, 44% empresas entrevistadas tem mais de 4 anos de mercado, sinalizando que estão aparentemente fora do risco de mortalidade, que as afeta em seus primeiros anos de vida. Pode-se observar também que o município possui 13,8% das empresas em fase inicial, sendo estas mais expostas aos riscos da mortalidade.

A questão 3 abordou o entrevistado quanto ao número de funcionários de seu estabelecimento. O resultado pode ser observado no gráfico 3.

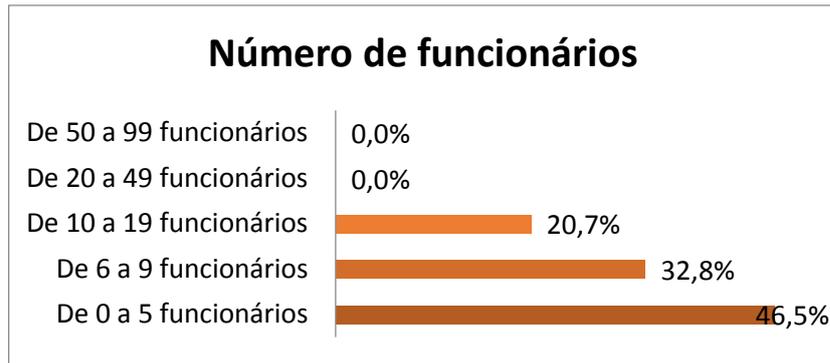


Gráfico 3 – Número de funcionários.
Fonte: os autores.

Por meio do gráfico 3 constatou-se que, a maior parte, cerca de 80%, dos empreendimentos de micro e pequenas empresa de Aracruz tem menos de 10 funcionários. Isto se dá em parte devido a predominância de empresas comerciais, que em geral demandam menos empregados.

A quarta questão foi relacionada ao faturamento bruto anual da empresa. Os resultados constam no gráfico 4.

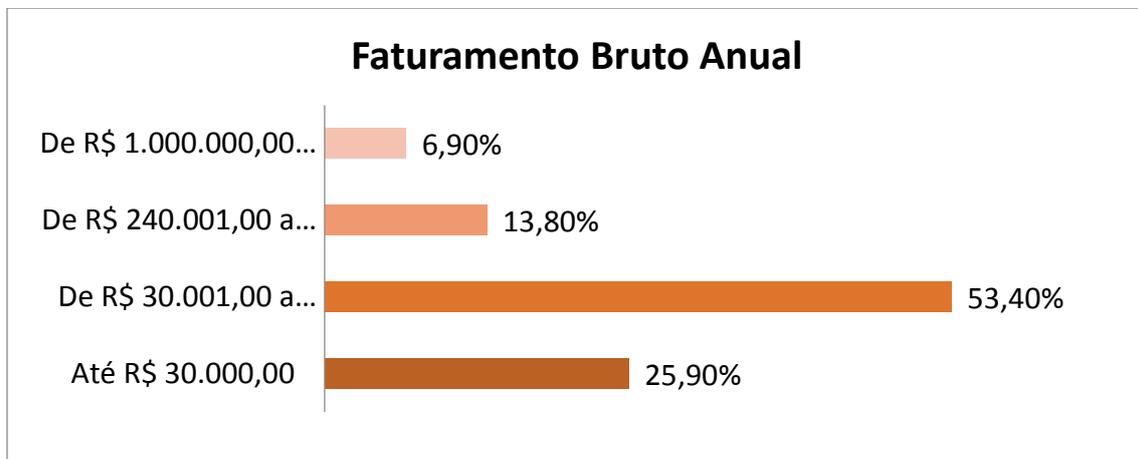


Gráfico 4 – Faturamento Bruto Anual.
Fonte: os autores.

Por meio do gráfico 4 conseguimos identificar que, das empresas entrevistadas, cerca de 80% são microempresas, apresentando um faturamento de até R\$ 240.000,00, limite máximo para este enquadramento segundo a lei complementar 123/2006.

A questão 5 avaliou o grau de instrução que o gestor da empresa possui, o resultado pode ser avaliado no gráfico 5.

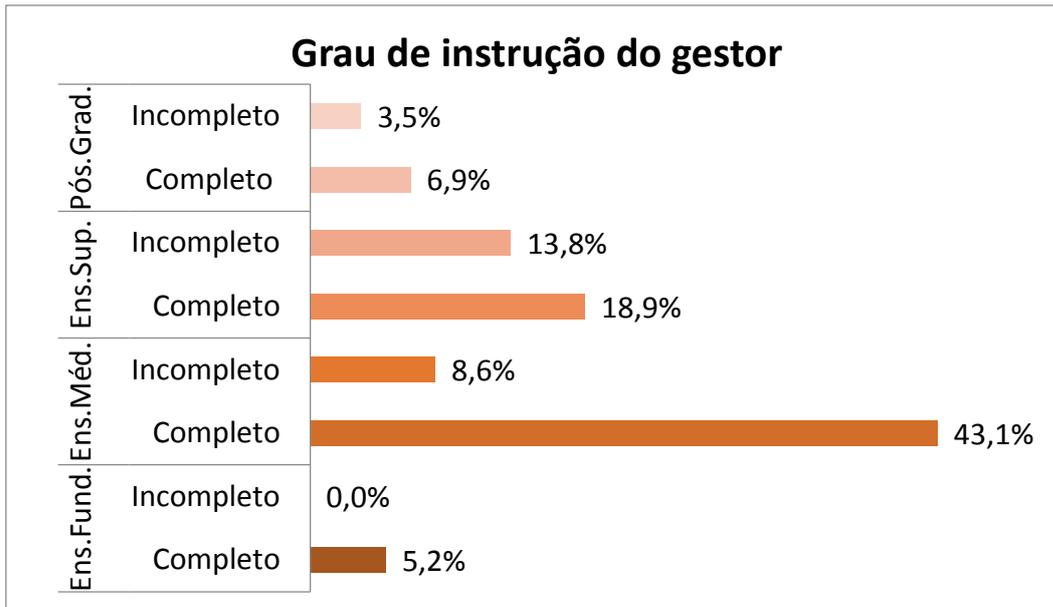


Gráfico 5 – Grau de instrução dos gestores.
Fonte: os autores.

Os dados do gráfico 5 indicam que cerca de 57% dos gestores tem graduação em nível fundamental e médio, o que representa o grande anseio do empreendedor em formalizar seu negócio. Este é um dos fatores relacionados a mortalidade das empresas, uma vez que a base teórica a respeito das ferramentas administrativo/contábil que cursos como Administração e Ciências Contábeis oferecem é perdida por aqueles que não tem acesso ao ensino.

A sexta questão foi referente ao local onde é feito a contabilidade da empresa, sendo que o resultado da mesma está apresentado no gráfico 6.



Gráfico 6 – Onde é feito a contabilidade.
Fonte: os autores.

No gráfico 6 observamos que, 16% das empresas fazem a contabilidade na própria empresa, enquanto a maior parte, neste caso 84% das empresas tem sua contabilidade feita por escritório externo, confirmando assim a tendência de que os empresários estão cada vez mais buscando apoio dos escritórios de contabilidade no processo de tomada de decisões.

A sétima pergunta buscou identificar qual a utilização da contabilidade por parte dos empresários. O resultado pode ser visto no gráfico 7.

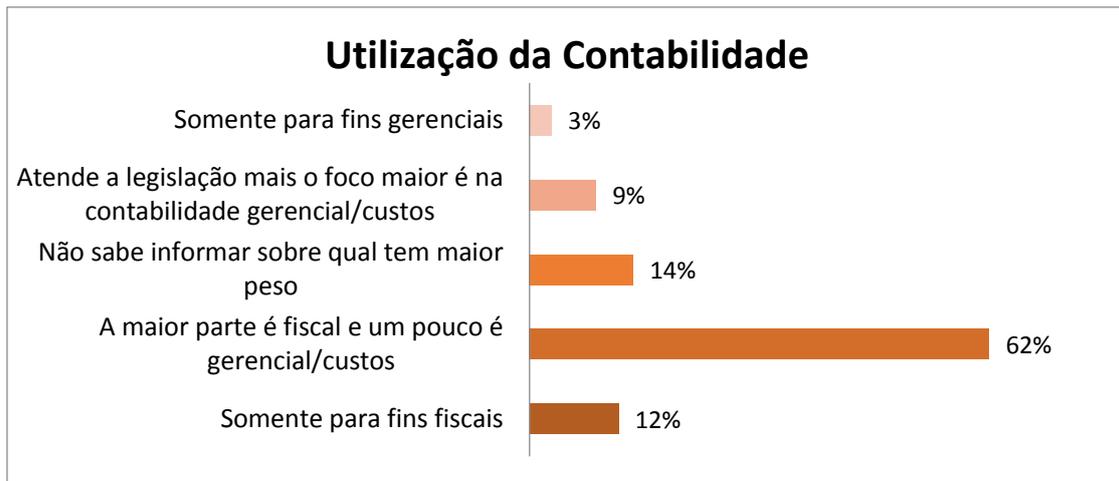


Gráfico 7 – Utilização da Contabilidade.

Fonte: os autores.

Observa-se no gráfico 7 que a maior parte dos administradores, 62% neste caso, utiliza as informações contábeis em sua grande parte para fins fiscais e uma pequena parte para o gerenciamento de custos. Além disso, apenas uma pequena parcela correspondente a 9% dos empresários aplica as informações para atender a legislação focando a maior parte na contabilidade gerencial/custos, o que demonstra que ainda é preciso haver uma mudança de mentalidade por parte dos mesmos, para que aproveitem a totalidade dos benefícios das informações contábeis.

A oitava questão levou o empresário a refletir sobre quais as áreas de sua empresa são importantes, o resultado pode ser observado no quadro 6.

Área / Posição	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar
Financeira (Contas a pagar e receber)	25,87%	27,59%	22,42%	24,13%
Tributária (Impostos)	18,97%	17,24%	32,75%	31,04%
Custos (Cálculo e Controle)	12,07%	32,75%	22,43%	32,75%

Operacional (Pessoal a Vendas)	43,11%	22,41%	22,41%	12,07%
--------------------------------	--------	--------	--------	--------

Quadro 6 – Distribuição em ordem de importância das áreas da empresa.
Fonte: os autores.

É importante observar no quadro 6 que a área operacional é considerada por 43% dos entrevistados como a mais importante dentro da organização empresarial, enquanto os custos são lembrados por apenas 12% demonstrando certa displicência com a formação e o controle dos custos, fatores de grande relevância no processo de sobrevivência das empresas.

A nona questão solicitou aos administradores que informassem a frequência com que usavam determinadas ferramentas ou controles contábil-gerenciais. A síntese das respostas pode ser analisada no quadro 7.

Ferramentas	Sempre	Quase Sempre	Às vezes	Quase Nunca	Nunca
Fluxo de Caixa	68,96%	13,79%	5,17%	8,63%	3,45%
Técnicas de análise de investimentos	13,79%	20,69%	27,59%	31,04%	6,89%
Análise das demonstrações contábeis	37,93%	22,42%	13,79%	18,97%	6,89%
Planejamento tributário	43,10%	29,32%	12,06%	5,17%	10,35%
Controle de estoques	81,04%	5,17%	3,45%	10,34%	0%
Controle de contas a pagar	86,21%	10,35%	1,72%	0%	1,72%
Controle de contas a receber	86,21%	13,79%	0%	0%	0%
Controle de bens do imobilizado	10,35%	17,25%	24,13%	34,48%	13,79%
Ponto de equilíbrio	29,32%	10,35%	3,45%	18,96%	37,92%
Margem de Contribuição	20,69%	1,72%	10,35%	22,41%	44,83%
Gerenciamento de custos fixos e variáveis	31,04%	25,86%	8,62%	13,79%	20,69%

Quadro 7 – Frequência de utilização das ferramentas contábeis.
Fonte: os autores.

Deve-se salientar ao observar-se o quadro 7 que ferramentas como o fluxo de caixa, o controle de estoques, o controle de contas a pagar e o controle de contas a receber são usadas sempre por mais da metade dos entrevistados, algo muito positivo, pois estes são controles relativamente básicos, porém de grande importância para o bom gerenciamento da empresa. Como destaque negativo o fato de cerca de 38% de usuários não utilizarem o ponto de equilíbrio e 45% não utilizarem a margem de contribuição, que são ferramentas de relevante importância sobretudo para determinar a quantidade mínima de vendas e o que cada unidade vendida significa no resultado final da empresa.

A décima questão visou avaliar a periodicidade da utilização do fluxo de caixa, do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício. Os dados da pesquisa podem ser observados no gráfico 8.

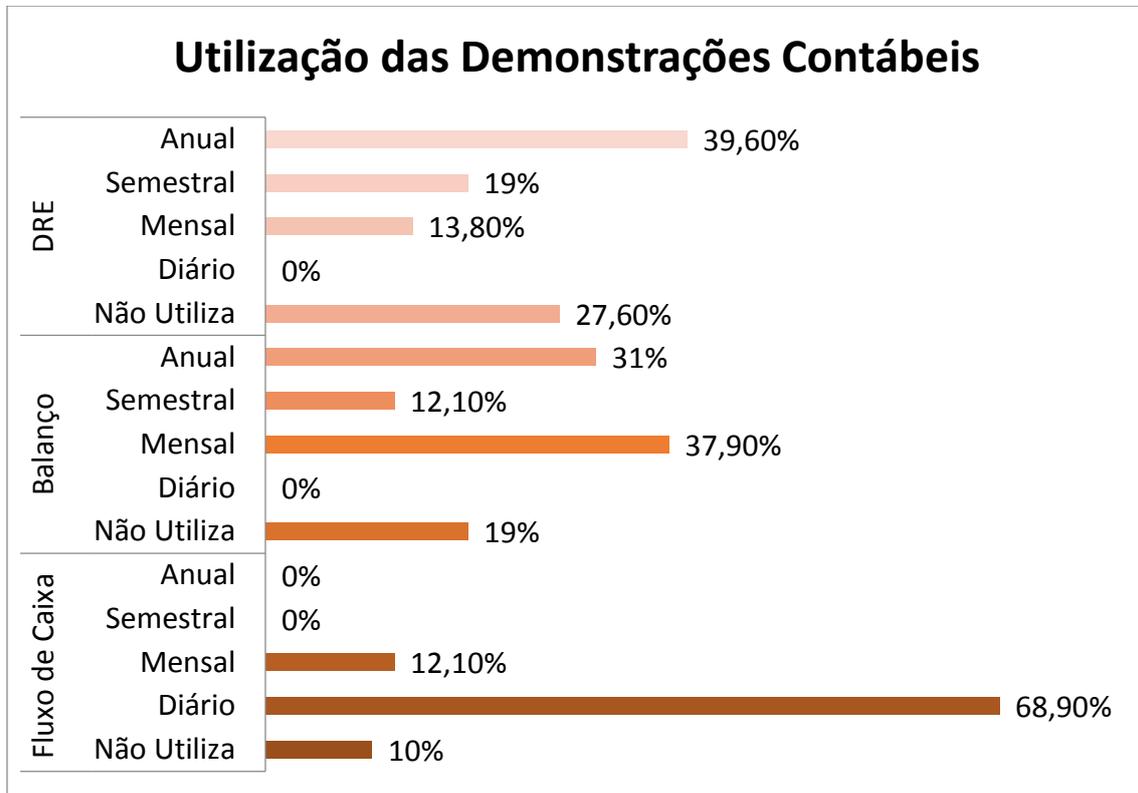


Gráfico 8 – Utilização das demonstrações contábeis.

Fonte: os autores.

Com a análise do gráfico 8 percebemos que o fluxo de caixa é dentre as a mais utilizada, sendo que sua utilização é predominante diária, sendo utilizado desta maneira por 68,9% dos entrevistados. Quanto ao balanço ocorreu leve predominância a apresentação mensal. Em relação a demonstração do resultado do exercício, foi a que mais apresentou respostas quanto a não utilização, 27,6% no total, sendo este um fato preocupante, uma vez que segundo Santos e Veiga (2011, p. 73) “a DRE possui relevância gerencial e administrativa ao demonstrar a estrutura de receita, custos e despesas, incluindo-se o significativo peso dos impostos incidentes sobre a venda”. Além disso apresentou predominância de utilização no formato anual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio é preciso reforçar a importância das micro e pequenas empresas no cenário nacional, que vem contribuindo de forma efetiva com o crescimento do País.

O artigo teve em seu âmbito bibliográfico uma ampla abordagem a critérios técnicos de relevância na construção do esquema central da pesquisa, uma vez que trouxe uma série de definições, presentes na literatura. A verificação prática da contribuição da contabilidade gerencial foi analisada a partir da pesquisa de campo realizada no município de Aracruz.

De forma geral pode-se fazer algumas considerações importantes para o futuro das micro e pequenas empresas no município, dentre estes são aspectos positivos o grande número de empresas com mais de 4 anos de vida, a elevada taxa de empresários que faz contabilidade em escritório externo e a utilização ao menos das ferramentas gerenciais mais básicas no dia a dia da empresa. Contudo é importante ressaltar que diversas medidas podem ser tomadas para que a contabilidade gerencial se torne algo rotineiro no ambiente de trabalho, alavancando assim as expectativas de rendimento e eliminando diversos fatores de risco de mortalidade, dentre estas medidas estão:

- 1) Maior entrosamento entre empresário e contador, para que haja maior trânsito de informações e com isso seja absorvido maior conhecimento por parte do empresário a respeito das ferramentas disponíveis.
- 2) Procura por parte dos empresários de um curso de nível superior, haja vista o pequeno número de empresas administradas por este tipo de profissional identificada na pesquisa foi relativamente baixo e como sabemos a busca por conhecimento expande os horizontes intelectuais;
- 3) Quebra de paradigmas quanto a utilização da contabilidade para fins gerenciais, haja vista que a pesquisa identificou que a maioria aplica a contabilidade sobretudo para fins fiscais, esquecendo-se do seu grande impacto sobre os outros setores da empresa.
- 4) Aumento do leque de ferramentas utilizadas no dia a dia. A pesquisa mostrou que são utilizados apenas as ferramentas mais conhecidas, necessitando, portanto, que o empresário busque novas alternativas para entender melhor sobretudo a formação dos custos de produção de seu produto.

5) Busca por mais conhecimento da área tributária, uma vez que esta pode trazer grandes perdas se não for bem conhecida e administrada.

6 REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico-financeiro. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 319 p.

BARROS, V. M. O novo e o velho enfoque da informação contábil. **Revista de Contabilidade e Finanças** – USP. São Paulo, nº 38. 2005.

Cômite de Pronunciamentos Contábeis – CPC 26. Apresentação das Demonstrações Contábeis.

CREPALDI, S. A. **Contabilidade Gerencial**: teoria e Prática. São Paulo. 5. ed. Atlas, 2011.

FILHO, N.C.; KOPITTKE, B.H. **Análise de Investimentos**: matemática Financeira, Engenharia Econômica, Tomada de Decisão e Estratégia Empresarial. São Paulo. Editora Atlas. 11. ed. 2010.

GITMAN, L.J. Princípios de Administração Financeira. São Paulo. Editora Pearson Prentice Hall. 12. ed. 2010.

IUDICIBUS. S. de. **Contabilidade Gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1998.

IUDÍCIBUS, S. et al. **Manual de contabilidade societária**: aplicável a todas as sociedades. De acordo com as normas internacionais e do CPC. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 9. ed. São Paulo. Atlas, 2003.

PADOVEZE, C.L. **O papel da contabilidade gerencial no processo empresarial de criação de valor**. Caderno de Estudos n. 21. São Paulo. 1999.

Resolução CFC 1121/2008. Aprova a NBC T 1 - Estrutura Conceitual para a Elaboração e Apresentação das Demonstrações Contábeis. Disponível em: <http://www.normaslegais.com.br/legislacao/resolucaoafc1121_2008.htm>. Acesso em: 22 de maio de 2014.

SÁ, A. L. de. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo. Atlas: 2007.

SANTOS, A. R et al. Um novo conceito para a contabilidade gerencial. **XIII Congresso Brasileiro de Custos**. Anais Eletrônicos. Belo Horizonte, 2005. CD-ROM.

SANTOS, F. A.; VEIGA, W. E. **Contabilidade com ênfase em micro, pequenas e médias empresas**. São Paulo: Atlas, 2011.

SCHNORR P. W. et al. **Escrituração contábil simplificada para micro e pequena empresa**. Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 2008.